

## Índice

Prefácio — A Maga do Norte	7
Um Cão Que Sonha	
Primeira Parte	
I. Em Que Falhou o Médico Perfeito	21
II. Ponto Pé-de-Flor	51
III. Supostas Viagens	79
IV. Nausica no Monte-Faro	109
V. O Tempo do MUD	139
Segunda Parte	
I. Estudo das Funções Ditas Superiores	173
II. As Três Mulheres Más	203
III. Um Cão Que Sonha	235
IV. A Princesa Siciliana	265
V. Fase Terminal dum Amor Profundo	291

## I. EM QUE FALHOU O MÉDICO PERFEITO

Um dia quente como aquele não servia para doentes e defuntos. Além do mais, o préstito devia fazer-se na hora sufocante do meio-dia, para evitar o trânsito e poder ignorar os semáforos. Ser conduzido à última morada (ninguém sabe se é a última, porque as ossadas são varridas dos sepulcros de tempos a tempos, dispersando-se os fêmures e as caveiras com atroz simplicidade de meios) numa cidade, embora pequena, resultava incómodo. Não era possível manter a ordem na fila dos acompanhantes e a todo o momento era preciso dar passagem a um apressado, que gesticulava dentro do carro como se estivesse a ser acometido por um enxame. O viúvo disse:

— Não se podia escolher outro caminho?

O motorista sorria com desprezo. Estava na casa há vinte e dois anos e era-lhe desagradável aceitar sugestões, já não digo ordens, duma pessoa que tinha conhecido de calção. O motorista chamava-se Vicente, o mais velho duma família conhecida pelos Carretos. Pertenciam ao magma da cidade que, a velocidade controlada, descia majestosamente para as bermas, os espaços ocupados pela cidade-dormitório e um arremedo de vivendas com um jardim murado, vendo-se de fora a corda da roupa com um pijama a secar. Para os Carretos, o pijama era um artigo de luxo. Vinham duma vida de «ilha» que nada tinha de miserável, que fazia as suas leis e onde a promiscuidade era evitada. Cultivava-se o craveiro e a aspidistra. Depois apareceu a árvore da borracha, os sótãos foram habitados pelos filhos casados e nasceu uma nova geração que lia as desditas da princesa Diana, tratando a rainha como a fada má dos velhos

contos. Punham no vestido de noiva todas as ilusões de classe que no Rio de Janeiro se usam para com a fantasia de Carnaval. A gente do bairro dos Carretos, que depois foi classificado de interesse turístico, era escriturária, cozinheira, agente de seguros. As profissões nobres, como a carpintaria e o ajudante de farmácia, foram desaparecendo. Nasciam poucas crianças, o automóvel apareceu nos pátios enquanto desaparecia a máquina de costura. A Maria do Pátio, como se chamava à modesta «corta e cose» que talhava os uniformes pretos para os colégios e também as saias escocesas das mesmas freguesas, que depois seriam as notáveis burguesas do astracã e do colar de pérolas de cultura, tinha sido levada pelos ventos da História. Porque havia uma história de bairro, como havia a dos tratados de Methuen e outros. Mas não nos desviemos do assunto.

O pijama deu entrada na casa dos Carretos com a primeira carta de condução. As domésticas fizeram-se empregadas de escritório e os mecânicos motoristas de praça. Vicente tinha outras ambições. Era alto, severo, com ar de poucos amigos, e tratava das unhas e do cabelo. A mãe combatia a suspeita de que ele era amaricado. Quando ele comprou um relógio de pulso, pensou que dele não se fazia nada. Também não se admirou quando ele se empregou como acompanhante do filho dos Geta Fernandes, que era estropiado. Conduzia-lhe o carro e levava-o aos concertos. Era um rapaz inteligente e cultivado, mas completamente disforme. Não controlava os movimentos nem podia falar senão por horríveis sons que lhe saíam da garganta como ladridos. Com o tempo, Vicente habituou-se e compreendia o que ele dizia. Tinha-lhe afeição, como se tem por um gato que perde um olho e que nos olha com o outro de maneira ausente e cheia de tédio. Os caprichos de José Maria Geta Fernandes pareciam-lhe tão legítimos como contraponto da sua infelicidade, que os aturava com paciência e até com gosto. Carregava-o ao colo para a cadeira de orquestra, ia buscar-lhe café e trazia uma manta de pele de castor na mala do carro para o embrulhar quando ele adormecia. José Maria gostava da boémia e deitava-se tarde. Antes de a aurora romper não ia para casa. O pai era um lojista famoso que casara segunda vez com uma modista francesa. Era uma mulher aparatosa, gastadora e que o enteado admirava. Com a deferência dos seres atrofiados pela grandeza das coisas atrevidas, ainda que

vulgares, ele perdoava tudo à madrasta e mostrava-lhe os versos que fazia. Porque José Maria era poeta e não insignificante na «modalidade». No Porto, pertencer à «modalidade» não significava a arte como um ofício. O Porto era a cidade de antes da guerra, com a Avenida arborizada traçada até ao mar e onde se construíram as vivendas mais faustosas. Madame La Roque preferia viver «no campo», numa dessas propriedades quase clandestinas que se destinavam às amantes, com cães de guarda e um *chauffeur* velho e que informava dos hábitos da patroa. Só que a La Roque era casada e tinha uma profissão nobre: vestia as mulheres elegantes da cidade. Tratava-as como manequins de madeira, não se ocupava dos seus segredos senão dos que competiam às operações da fita métrica. Não se sabia como a La Roque tinha clientela, sendo tão fria e autoritária. Mas acabou por inspirar confiança, o que, no Porto, é mais importante do que inspirar bons sentimentos. As mulheres que iam ao Palácio de Cristal para estrear as *toilettes* de Primavera quando se inaugurava a exposição das rosas faziam sensação se eram vestidas pela La Roque. Isto bastava para a tornar indispensável, o que, em boa política, quer dizer proporcionada às necessidades e aceite de comum acordo.

Foi a La Roque que teve a ideia de casar José Maria Geta Fernandes. Parecia uma ideia macabra, tanto ele era assustador. Babava-se todo o tempo e comia à mesa com enorme dificuldade. A La Roque defendia os seus direitos ao lugar da cabeceira, que ficava tão distante do seu lugar como se pertencesse a outra galáxia. O lojista, dos que ainda iam para o balcão de fraque e bota de polimento, além da luva pespontada, agradecia-lhe o empenho, mas não queria tanto. Gastava uma fortuna com o filho para não ter que se envergonhar da sua deformidade. Fazia-o viajar e ir ao Crillon receber os amigos num apartamento de três mil francos. E voltava, sempre bem cuidado e entregue à música e a pecados leves de *vodka* e laranja. Sabia que não viveria muito tempo; era singularmente frívolo e arguto quanto ao seu estado. Madame La Roque casou-o com uma rapariga decente, sem ambições além da de comer morangos com natas e ir ao cabeleireiro todas as semanas. Ela teve um filho que foi a alegria dos últimos anos da vida da famosa modista e a quem ela quis pôr o nome de Léon. Herdou do pai a leviandade e a subtileza, além da

grande fortuna em ouro e papéis. Como todos os ricos por nascimento, Léon Geta Fernandes não dava a impressão de gastar nem de dar importância aos hábitos caros. Quando o pai morreu e a tampa do caixão se fechou sobre o seu corpo torturado, não foi para que uma nova era se abrisse. Tudo ficou na mesma, Vicente continuou a guiar os carrões cor de pinhão como se conduzisse uma ambulância. Tinha ficado velho, e o serviço especializado fizera-lhe secar os miolos e o resto. Léon pouco o chamava e disse-lhe uma vez que o dispensava em absoluto. Vicente não se deu por entendido. Como acontece com os que servem muito tempo o mesmo amo, era ingrato e capaz de grandes praxes vingativas. Limpava a alma em ser desleal; quando parecia que era fiel pelos favores recebidos, tomava-se de paixão por novos planos que não eram outra coisa senão o pacto com o fim.

Léon Geta Fernandes foi o que se chama o último ramo duma espiral de gerações. Caíam nos seus ombros as maiores promessas em forma de benevolência da Natureza. Os olhos mais belos da família era ele que os possuía, assim como a inteligência bailarina e a aptidão para o sucesso. Tinha uma figura de pastor arcádico, uma graça amuada e quase selvagem, o que resulta duma longa tradição de vontades consentidas e luxo desfrutado. As mulheres adoravam-no ou, antes, disputavam-no com verdadeira sem-vergonha. A ponto de a mãe desligar os telefones da casa e se pôr activamente à procura de noiva para ele.

— Sozinha não posso defendê-lo. Tenho que encontrar uma aliada.

— Veja lá não seja pior a emenda do que o soneto. Não vá trazer para casa uma ciumenta que me vire os bolsos do avesso e se ponha a cheirar-me por todos os lados. Dessas mulheres horríveis que não pensam senão em arrancar-nos o coração para pôr lá um relógio de cuco.

— Não te aflijas, Léonzinho, que de mulheres sei eu. Só as mulheres sabem de mulheres. Os homens são analfabetos nessa matéria.

Léon descansou na mãe e não pensou mais naquilo. Corria na Fórmula 1, vestia-se como um lorde desiludido, pensava em fazer cinema. Era desses a quem tudo pode acontecer sem darem por isso, tanto a felicidade como a desgraça. Assim, teve nos braços uma dessas flores raras que só os velhos sabem reconhecer por um tique

que os acompanha até à morte — o de descobrirem a feminilidade na simpatia obscura parente do mistério e das coisas prodigiosas.

Ela era prodigiosa, Maria Pascoal, a quem a mãe de Léon Geta apelidou de Finuras. Ela punha alcunhas a toda a gente, e a cidade no feminino dividia-se para ela em Pindéricas e Fedúncias, as pobres e as presumidas. Enquanto nova não se atreveu a gozar com os outros, por quem não nutria senão sentimentos ou falsos ou desapiadados. E, no entanto, a viúva daquele destroço humano que fora José Maria Geta Fernandes não era maligna, como o não são certos tumores e que, no entanto, causam pânico até que são extirpados. Entendeu fazer da nora uma obra sua, e durante o casamento nunca se arrependeu de a ter elegido para mulher do filho. Maria Pascoal era tão obediente e submissa que, como o senhor de Montaigne, podia passar por uma criada. Era prestável, alegre e cheia de vida. Qualquer coisa a divertia, tudo lhe bastava, não exigia nada, nem sequer o amor do marido, que a fazia rir pelo seu ar buliçoso e arrapazado. Ela só queria estar só umas horas por dia, no quarto onde guardava algumas malas que trouxera de casa. A sogra não sabia se ela dormia ou bordava, nem lhe ocorria perguntar.

— Não tem segredos, essa alma de Deus.

Dizia isto com o desprezo amigável que as mulheres sentem pelas que não lhes inspiram nenhuma espécie de rivalidade. A vida a três decorria sem nuvens e até o facto de o casamento não ser ainda fecundo proporcionava uma espécie de idílio fútil percorrido pelas gratidões do egoísmo.

Um dia aconteceu alguma coisa que abalou a paz dos anjos em que viviam. Maria Pascoal teve um acidente mortal na estrada, o carro que ela conduzia embateu numa árvore, na estrada dos Arcos, e ela morreu antes de chegar ao hospital. Ainda ficou em reanimação durante três dias, mas a família, inclusive os pais dela, concordaram em desligá-la da máquina. Os médicos tinham às vezes os sinistrados nesse estado de vida artificial, e, na autópsia, via-se que o cérebro estava liquefeito. Maria Pascoal foi poupada a essa humilhação e voltou para casa para ser amortalhada e tratada por uma visagista. O marido quase não a reconheceu quando a viu, rosada e composta como se acabasse de sair do quarto para se sentar à mesa. O vestido de brocado fazia-a parecer uma dessas imagens de roca